

# Thalassa: matriz de hipóteses kleinianas

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Para o intérprete psicanalista, não se trata de lidar com fatos biológicos, mas com discursos. Esta foi a direção fecunda e libertadora que Ferenczi transmitiu a Melanie Klein.

**A**o escrever minha dissertação de mestrado sobre as raízes do pensamento de Melanie Klein, deparei com a enorme importância da obra de Ferenczi na formação das teorias kleinianas. Além da influência de Freud e Abraham, que foram mais explicitamente reconhecidas por Melanie Klein, não há nada que se possa comparar à importância das hipóteses ferenczianas para a “montagem” do substrato teórico de Melanie Klein. Na verdade, os encontros de Melanie Klein com a teoria psicanalítica e com Ferenczi foram simultâneos, por volta do ano de 1914, quando entrou em análise com Ferenczi e leu “Sobre os Sonhos” de Freud.

É fácil constatar que um artigo como “*Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade*” teve profundas ressonâncias no pensamento de Melanie Klein, sobretudo no sentido de ter aberto caminhos associativos, ao conceder “licenças poéticas” à jovem aprendiz de psicanálise. É isto que pretendo mostrar neste artigo.

Melanie Klein citou pela primeira vez e brevemente este texto de Ferenczi no seu trabalho “*O Papel da Escola no Desenvolvimento Libidinal da Criança*”, publicado em 1921, ao referir-se ao desejo de retorno ao útero materno. Mais tarde, ao relatar o caso de Félix em “*A Psicogênese dos Tiques*” (1925), dedicou várias páginas de seu trabalho a uma interlocução teórica com Ferenczi e Abraham, referindo-se então a certos conceitos ferenczianos que foram originalmente desenvolvidos no artigo “*Thalassa...*”. Foi somente após um estudo mais detido deste artigo que me ficou bem claro como o *imprinting* ferencziano na obra kleiniana havia sido marcante. Foi possível então descobrir ressonâncias tais como: (1) a

**Elisa Maria de Ulhôa Cintra**

Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora da Universidade São Judas Tadeu. Este trabalho é uma versão modificada de partes do quarto capítulo de uma dissertação de Mestrado intitulada: *Melanie Klein: Raízes de um Pensamento*. Agradeço aos Drs. Renato Mezan e Luiz Cláudio Figueiredo pelas leituras e sugestões.

assimilação da teoria da anfimixia dos erotismos e do modelo deslocamento/condensação de Freud, e a busca do “mais arcaico” para elucidar a etiologia da doença mental, (2) a importância concedida aos mecanismos de prazer, (3) a ênfase sobre a dimensão metafórica da sexualidade, que permitiu a constituição mais nítida do objeto da fantasia, (4) o uso de um comportamento animal como a autotomia para tornar mais visíveis os mecanismos de defesa expulsivos e para formular o seu conceito de pulsão de morte, (5) a liberdade de usar diferentes paradigmas teóricos para dar significado aos fenômenos psíquicos.

No entanto, acima de todas estas influências, Ferenczi talvez tenha sido importante para Melanie Klein por sua atitude de liberdade frente à produção teórica. Quando Melanie Klein o conheceu, ele já era um dos colaboradores mais próximos de Freud, e, se por um lado representava o *status quo* da psicanálise, por outro encorajava vivamente a continuação do pensar teórico.

Com relação à importância que Melanie Klein dava à metapsicologia, nem todos estão de acordo; por exemplo, alguns leitores afirmaram a predominância da observação e da intuição clínica da autora ao formular suas concepções teóricas. No entanto, mesmo nos relatos de seus atendimentos clínicos dos primeiros anos de atividade, não há nenhuma observação clínica à qual não corresponda uma formulação teórica; a intuição clínica nasce como fruto de uma elaboração de hipóteses teóricas e não como o “raio súbito” de uma intuição. Talvez a fecundidade da obra de Melanie Klein tenha um de seus pontos de origem nesta liberdade de criar e experimentar teorias junto às observações clínicas.

Ferenczi escreveu *Thalassa* no outono de 1914, quando havia sido obrigado a abandonar temporariamente suas atividades de psicanalista para ser o médico-chefe de um

esquadrão de hussardos. Ele estava traduzindo para o húngaro os “*Três ensaios*” de Freud, e portanto encontrava-se em pleno diálogo teórico com as idéias freudianas desta época. Estas o inspiraram a desenvolver em maior detalhe a sua teoria da genitalidade, que, segundo ele, já estava anunciada, mas não suficientemente desenvolvida no artigo de Freud. Em 1915 Freud visitou-o no acampamento militar e incentivou-o a publicar este trabalho; Ferenczi, no entanto, relutou durante muito tempo (até 1924), alegando resistências internas e o fato de seus conhecimentos em ciências naturais serem muito pequenos. No entanto, reco-

Ferenczi legitimou a transgressão das fronteiras rígidas entre biologia e ciências do espírito.

nhece que o maior obstáculo à publicação deste artigo era o medo de ser acusado de um pecado metodológico a que chamou *psicomorfismo*. Este pecado consistia em aplicar conceitos psicanalíticos indiscriminadamente aos animais, órgãos, partes de órgãos e elementos histológicos. Por outro lado, utilizou-se de observações realizadas com animais e de dados embriológicos, com o intuito de chegar à elucidação de certos fatos psíquicos. Ferenczi sentia-se extremamente constrangido por não respeitar a “separação rigorosa en-

tre os pontos de vista próprios às ciências naturais e os pertencentes às ciências do espírito”. Finalmente, convencido de que, para o próprio progresso do conhecimento psicanalítico, havia necessidade de metáforas importadas de outros campos do saber, como por exemplo da biologia, passou a defender abertamente a transgressão desses limites, em nome da aquisição de uma nova compreensão dos fenômenos psíquicos.

A outra prática que Ferenczi legitimou foi a aplicação das mesmas teorias aos órgãos e organismos, às células e aos tecidos. Nesse sentido podemos detectar uma direção seguida por Melanie Klein, quando pensa, por exemplo, nas relações de objeto parcial, atribuindo-lhes sentimentos tais como o amor e o ódio, que Freud havia especificado como podendo ser atribuídos unicamente às relações de objeto edípicas, mas que, de acordo com Ferenczi, podiam ser transportados até para órgãos e células.

Vejamos então que outros aspectos de *Thalassa* foram assimilados à rede simbólica kleiniana.

A combinação dos erotismos

Ao escrever a sua teoria da genitalidade, Ferenczi tinha em mente alguns problemas de impotência sexual e ejaculação precoce. O seu raciocínio operava com duas categorias básicas para explicar a antecipação ou o atraso da ejaculação. Estas categorias eram, de um lado, a tendência à expulsão, que ele associava ao erotismo uretral; e de outro, a tendência à retenção, associada ao erotismo anal. Este esquema “*retenção/evacuação*” terá uma presença contínua ao longo de todo o pensamento kleiniano, e o exemplo mais óbvio é o das duas posições esquizoparanóide e depressiva, com seus dinamismos básicos – “*evacuativo*” e “*retentivo-elaborativo*” respectivamente.

Ao falar do processo de ejacula-

ção, Ferenczi passa do nível fisiológico ao libidinal, estabelecendo uma relação de *continuum* entre os dois níveis: faz menção às inervações anais e uretrais e logo fala de erotismos uretral e anal, como se inervações e erotismos fossem dimensões vizinhas e quase sinônimas. Este tipo de aproximação era comum nesta época da produção psicanalítica. O auto-erotismo, por ser uma sexualidade tão ao “rés do corpo” (como indicam certos termos, por exemplo “prazer de órgão”), prestava-se a esta condição de elo de ligação entre dimensões tão diferentes quanto a fisiologia e a dimensão dos significados libidinais. Inicialmente Ferenczi está raciocinando em termos de inervação anal e uretral: a cooperação eficaz destas inervações é indispensável para a instauração de um processo de ejaculação normal. Porém é muito difícil isolar os tipos de inervação; estas se recobrem e mascaram mutuamente, mesmo nos casos em que a inervação uretral predomina, como nos casos de ejaculação precoce. Ou seja, aqui ele introduz as idéias de *mistura* e de *combinação*, que vão marcar profundamente as concepções kleinianas ao tratar da fusão dos erotismos e dos tipos de sadismo (oral, anal e uretral).

A idéia ferencziana de que as inervações anal e uretral não se manifestam isoladamente, mas se misturam, recobrem e mascaram, parece estar na base da idéia kleiniana de que os diferentes tipos de erotismo e de sadismo nunca se manifestam isoladamente, mas em diferentes graus de combinação e mistura. Ferenczi propõe, por exemplo, que o sadismo da etapa sádico-anal se constitua com a contribuição do canibalismo oral que se desloca para o intestino, o que produz uma combinação entre aquele e as formas anais de agressividade. O que provoca o deslocamento da modalidade oral para a etapa anal é a frustração dos prazeres orais-sádicos em razão do desmame. Ou seja, ele afirma que, as-

sim como as qualidades eróticas de uma zona erógena migram para as outras, os diferentes tipos de sadismo sofrem também um deslocamento e uma anfimixia.

A idéia de que as frustrações orais impelem ao desenvolvimento, à passagem para a etapa seguinte do desenvolvimento libidinal e à busca de novas fontes de prazer, é uma idéia que será inteiramente aproveitada por Melanie Klein. Quanto à combinação das diversas modalidades de sadismo, este permanece um modelo tipicamente kleiniano, ao descrever, por exemplo, a etapa de apogeu do sadismo:

Melanie Klein  
inspirou-se em  
Ferenczi para formular  
a idéia de "todas as  
armas do sadismo",  
característica de um  
período da sua obra.

“No período do qual estou falando, o alvo predominante do sujeito é apoderar-se dos conteúdos do corpo da mãe e destruí-la *por meio de todas as armas* de que o sadismo dispõe.”<sup>(1)</sup>

As “diversas modalidades” do sadismo, isto é: as formas orais, anais, uretrais e fálicas são as “armas” de que dispõe o sadismo.

Um outro exemplo da utilização deste modelo de anfimixia é a concepção kleiniana através da qual o amor e o ódio passam a ser tratados como “substâncias” que se combi-

nam em diferentes proporções. A idéia de que o amor pode predominar e pode mitigar o ódio, de que há predominância congênita de uma pulsão sobre a outra, de que o teor da pulsão de vida e de morte pode ser alterado a partir de uma combinação com as experiências gratificadoras e frustradoras, são exemplos do desenvolvimento kleiniano destas hipóteses, que transformaram as pulsões em “substâncias” que podem se combinar entre si e com outros “ingredientes”. Pode-se afirmar que algo da “culinária ferencziana” foi introduzido na “cozinha kleiniana”.

Partindo da idéia de que a ejaculação consiste numa combinação da uretralidade e da analidade, Ferenczi desenvolve a teoria da anfimixia dos erotismos, que fará coincidir o estabelecimento do primado da genitalidade como o desfecho de uma espécie de migração dos erotismos pré-genitais para os genitais, como afluentes que desembocam no rio principal. A fase genital é considerada como estágio sexual avançado, e consiste em uma superação dos erotismos parciais. Se a genitalidade resulta da composição de várias pulsões parciais, o estudo analítico, ao decompô-la em suas partes, elucida a sua verdadeira natureza e função.

A anfimixia seria então a fusão dos erotismos em uma “unidade superior”, o erotismo genital. Estas idéias conduzem à concepção de que a condição saudável corresponde a uma boa combinação dos ingredientes pré-genitais, e que a patologia decorre de algum tipo de de-fusão regressiva. Melanie Klein utiliza-se desta noção de saúde ligada a uma boa integração, por exemplo quando fala da combinação entre pulsões de vida e de morte com a predominância do amor, que permite a integração do ódio à consciência e a sua elaboração. Ela relaciona os diversos estados patológicos à fragmentação, à cisão e à dissociação, assim como à defusão das pulsões, que faz prevalecer o ódio.

## Moralidade esfínteriana

Ferenczi introduz, além da anímixia das pulsões parciais, a noção de que as pulsões podem funcionar em um regime de antagonismo entre si, ou seja, opondo-se umas às outras, de maneira que algumas funcionam como um precursor do superego:

“Onde vai buscar a força necessária para obedecer às ordens da mãe ou da babá e para vencer sua tendência ao desperdício de urina e à retenção das matérias fecais? Acho que a esfera anal exerce aí uma influência decisiva sobre os órgãos que participam da função uretral, e a esfera uretral sobre os órgãos a serviço da função anal; o reto ensina à bexiga uma certa capacidade de retenção e a bexiga inculca uma certa generosidade ao reto; em termos científicos, o erotismo uretral tingem-se de analidade e o erotismo anal de uretralidade, mediante uma anímixia dos erotismos.”<sup>(2)</sup>

Estas idéias a respeito de uma forma arcaica do superego estiveram na origem desta concepção kleiniana, como atestam suas palavras:

“Ferenczi assume que as pulsões uretrais e anais associam-se a uma espécie de “precursor fisiológico do superego” que ele chama de “moralidade esfínteriana”.<sup>(3)</sup>

Ferenczi afirma que “o erotismo uretral *tinge-se* de analidade e o erotismo anal de uretralidade, mediante uma anímixia dos erotismos”. Embora o modelo de mistura de cores seja apenas uma variação da idéia que vem sendo explorada de “mistura de ingredientes”, a novidade introduzida aqui diz respeito à função desempenhada pela uretralidade em relação à analidade e vice-versa. A função limitadora ou estimuladora de um componente pulsional sobre o outro é comparável à função exercida pela educação - e nesse sentido

constitui uma “moralidade esfínteriana”. A idéia de que um componente parcial de pulsão sexual pode funcionar como um “superego” em relação a outro componente pulsional sugere a existência de conflito entre forças com “sentidos” diferentes.

Além disso, Ferenczi estabelece a importância dos componentes pulsionais na constituição do caráter. Ele reafirma que a formação do caráter, que Freud nos ensinou a considerar como sendo em grande parte a superestrutura e o remanejamento psíquico desses erotismos”, tingem-se pois de pulsionalidade. Ou seja, o ego e o superego têm uma dimensão

## As teorias kleinianas da sublimação e das formas arcaicas do superego estão impregnadas das idéias de Ferenczi.

pulsional inequívoca - eles são na verdade estruturas derivadas do erotismo pré-genital, são superestruturas desse erotismo ou formas sublimadas dele. Ora, as teorias kleinianas da sublimação de 1923 e as teorias das formas arcaicas do superego que começaram a aparecer desde 1926 estavam impregnadas dessas idéias de Ferenczi.

Ao construir a sua teoria de uma moralidade esfínteriana, o pensamento ferencziano aborda o funcionamento dos instintos parciais (anal e uretral) como se fossem “músculos antagônicos” que operam articula-

damente, criando um certo regime de descarga. Ele fala de uma “hábil combinação de mecanismos de prazer”.

“Em certas circunstâncias, bexiga e reto comportam-se como se tivessem trocado seus papéis, e isso pode explicar-se por uma influência demasiado forte da tendência oposta: na diarreia nervosa a uretralidade invade o intestino, ao passo que na retenção urinária nervosa é a bexiga que exagera a avareza ensinada pelo intestino. Todos os casos que me permitiram esclarecer as razões desse comportamento apresentavam manifestações de oposição camuflada. A criança, tal como o adulto neurótico, consegue levar às raias do absurdo as posturas educativas, exagerando-as.”<sup>(4)</sup>

A retenção anal funciona como um “superego esfínteriano” que restringe a uretralidade, e esta age como um acelerador que modifica a tendência retentiva, intensificando a postura educativa através da violência pulsional. As ordens comunicadas através do treino dos esfínteres, isto é “solte!” ou “segure!”, tornam-se imperativos tingidos da *démese* instintiva, isto é, radicalizam-se e comportam-se de modo autônomo e irracional. Estas palavras de Ferenczi afirmam a existência de uma forma arcaica de moralidade, que contribuiu, entre outros elementos, para a formulação kleiniana do superego arcaico. Ferenczi afirma que observou “manifestações de oposição camuflada” em todos os casos em que as posturas educativas eram exageradas pela criança; ou seja, a própria deformação da postura educativa através de sua radicalização consistia na forma velada de opor-se às ordens que visavam o controle dos esfínteres. Então Ferenczi propõe um mecanismo que envolve a presença de tendências pulsionais opostas combinadas às intervenções da educação, no treino dos esfínteres.

Além disso ele deixa claro que a oposição às ordens educativas é um ingrediente que vem a aumentar a severidade da própria ordem, formulação que foi amplamente utilizada por Melanie Klein ao descrever a severidade do superego arcaico, em cuja constituição o sadismo da própria criança e suas reações de raiva e oposição às frustrações pulsionais desempenham um papel significativo.

## Valorização da genitalidade

Ferenczi, desde *Thalassa*, postulou a existência de uma tendência regressiva permanente operando no psiquismo, com o objetivo de restabelecer uma situação comparável à vida intra-uterina, associada a uma tendência regressiva mais radical, cujo objetivo seria o retorno à paz inorgânica. Este “retorno talássico” equivale na teoria ferencziana a um centro magnético para onde tudo converge, antes e depois de qualquer tomada de consciência. Nesta concepção, a tendência à regressão só pode ser ligeiramente modificada pelo princípio de realidade, nada além disto.

Ele propõe então que este desejo alucinatório de “não mais desejar”, isto é, de encontrar a situação de satisfação absoluta, possa expressar-se através do auto-erotismo ou da relação sexual genital. Embora este desejo seja o aspecto fundamental de ambas as espécies de sexualidade, o que diferencia uma da outra é o grau de inflexão que o princípio de realidade produziu na tendência regressiva. Sua tese é que todas as manifestações de auto-erotismo estão impregnadas do desejo de atingir uma situação livre de estímulos desprazerosos. No entanto, como o auto-erotismo é de certa forma ineficiente para atingir, “na realidade”, tal situação, ele está situado em um dos extremos do gradiente alucinação/senso de realidade, ou seja, é basicamente alucinatório. E, se não puder ser transformado e parcial-

mente superado, torna-se também patogênico.

Para Ferenczi, o caminho da sanidade mental exige a renúncia à tendência de regressão talássica, pelo menos no seu sentido mais alucinatório e radical. Como o homem não é capaz de renunciar absolutamente, o caminho mais saudável indica a opção genitalidade, ou que o desejo de regressão intra-uterina através de meios auto-eróticos (incorporação, posse, domínio, manipulação, etc.) seja substituído pela relação genital, menos alucinatória, que é considerada por ele como o “paralelo erótico da função de realidade”.

O caminho da sanidade mental exige a renúncia à tendência de regressão talássica radical.

Estas idéias de Ferenczi serão assumidas por Melanie Klein. Ela vai então dirigir o seu interesse ao estudo da oralidade, analidade e uretralidade, de como estas podem se tornar patogênicas, reservando o qualificativo de “forma desenvolvida de sexualidade” para a sexualidade genital e objetal adulta, que pressupõe algum grau de superação das etapas pré-genitais. Na obra kleiniana posterior, em que a libido cede lugar ao sadismo, permanece ainda a idéia de um caráter patogênico associado às fases precoces do desenvolvimento. Tem-se a impressão que

Melanie Klein deixou de falar tão insistentemente em “oralidade, analidade, etc.”, apenas porque passou a falar da onipotência, da insaciabilidade, e do caráter absoluto (tudo ou nada) de que se revestem as formas primitivas da vida emocional. A própria idéia do sadismo, tão insistente em determinado trecho de sua obra, parece ser uma forma condensada de falar desta radicalidade pulsional ainda em estado não-elaborado (que caracteriza as etapas pré-genitais na obra de Ferenczi). Mais tarde, na seqüência de seu pensamento, estas características inicialmente associadas às etapas pré-genitais da libido serão descritas de modo um pouco diferente, através da dinâmica da posição esquizo-paranóide; o que permanece do modelo ferencziano é a referência a duas modalidades básicas de expressão da sexualidade, uma mais “alucinatória” e primitiva e outra mais sob o controle do princípio de realidade.

As idéias de Ferenczi levam, por outro lado, a uma aproximação da sexualidade à dimensão da angústia e do perigo:

“Supomos, portanto que as organizações sexuais, em especial as funções de acasalamento, também se constituíram de forma tão engenhosa que podem contar, indubitavelmente, com a satisfação. Logo, a sexualidade também não faz mais do que brincar com o perigo.”<sup>(5)</sup>

Esta colocação da sexualidade a serviço de “lidar com o perigo” vai permanecer como uma das contribuições do pensamento de Ferenczi ao longo de toda a obra kleiniana. Desde os primórdios de sua obra, o aspecto mais decisivo para ela, ao abordar o fenômeno psíquico, foi a angústia. Nesse sentido, pode-se dizer que sua tendência foi a de pensar a sexualidade a serviço da tarefa de vida mais urgente e decisiva que era, para ela, a tarefa de lidar com a angústia.

## Diferenciação e integração

Ferenczi relaciona o seu modelo de retorno talássico e trauma do nascimento a um modelo que havia sido proposto por Spencer. Este afirmava que toda a evolução é governada por uma perpétua oscilação entre movimentos de diferenciação e integração. Ferenczi relaciona o desejo de “reintegração” à regressão talássica e ao retorno do recalcado, e a “diferenciação” à necessidade de adaptar-se a novas condições introduzidas pelo nascimento ou pelo advento da repressão.

Esta pulsação entre uma tendência à separação e uma tendência à integração é um dos eixos em torno dos quais Melanie Klein construiu uma teoria do desenvolvimento psíquico. Podemos relacioná-la às suas reflexões sobre a perda do objeto de amor, aos processos de luto, à perda do objeto interno e à recuperação dos objetos internos através de um trabalho de luto.

Ferenczi relaciona a tendência à regressão com a dimensão do desejo, sejam eles desejos de vida ou de morte, mas que sempre impelem a voltar a uma situação de equilíbrio abandonada. Por outro lado, a tendência do organismo para a transformação fica associada à intervenção da necessidade, que obriga o organismo a adaptar-se a novas condições e a renunciar a certas formas e objetos de satisfação. Há nesta concepção uma inércia à mudança, que deve ser rompida por fatores externos que intervêm e provocam dor. Qualquer perturbação é sentida inicialmente como dolorosa e impele o organismo a tentar transformar o desprazer em satisfação. Ele propõe então que as pulsões surgem desse movimento de identificação com o estímulo perturbador, que é depois introjetado e transforma-se em um foco de perturbação interno, ou uma pulsão. Assim, todas as pulsões seriam uma espécie de relíquia de um acontecimento perturbador arcaico

que se tornou interno.

Ferenczi propõe que não exista uma desintração total entre a pulsão de vida e a de morte, e imagina “todo o universo orgânico como uma oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões de morte, em que tanto a vida quanto a morte jamais conseguiram estabelecer a sua hegemonia.”<sup>(6)</sup>

Permanecem no pensamento kleiniano tanto a idéia de uma oscilação perpétua entre as pulsões de vida e de morte, quanto a noção de que a defusão das pulsões nunca é completa. Não apenas a oscilação, mas o conflito entre as pulsões de vida e de morte será considerado um fator fun-

As idéias de fusão,  
de-fusão e conflito  
são comuns aos dois  
autores, e determi-  
nam a concepção  
kleiniana de  
pulsão de morte.

damental no processo dinâmico do psiquismo.

Para Ferenczi a pulsão de vida expressa-se através do desejo de regressar ao útero materno, e a pulsão de morte através do desejo pulsional de paz inorgânica. Para Melanie Klein a pulsão de vida expressa-se pela pulsão a satisfazer as necessidades, que conduz à busca de uma relação objetual e ao amor, e a pulsão de morte expressa-se pela tendência a aniquilar a necessidade, sua percepção ou o ego que a percebe. Embora as noções sejam um pouco diferentes, a idéia de fusão, de-fusão e conflito

entre pulsões opostas é comum ao pensamento de ambos os autores.

## Decolagem para o objeto da fantasia

Há uma idéia de Ferenczi que deve ter contribuído para que Melanie Klein compreendesse o plano libidinal de constituição dos objetos: trata-se de uma comparação entre o grau de dependência da criança com relação ao objeto da percepção na fase oral-erótica e na fase anal-sádica. Ele afirma que a regressão à situação intra-uterina que se manifestava na fase oral continua existindo na fase anal-sádica, sob a forma de uma identificação da criança com as fezes.

“Tudo ocorre como se a criança, após essa recusa deveras perturbadora da agressão libidinal oral-erótica por parte da mãe, recanalizasse sua libido para si mesma. Sendo ela própria, ao mesmo tempo, a mãe e a criança (conteúdo intestinal), pode tornar-se independente, no plano libidinal, da pessoa que cuida dela (a mãe). Talvez seja essa a razão fundamental desses traços antagônicos que são, de um modo geral, os produtos de transformação da libido sádico-anal.”<sup>(7)</sup>

A idéia ferencziana de que a criança se torna libidinalmente independente da pessoa que dela cuida deve remeter a uma reflexão a respeito do objeto da percepção e do objeto libidinal. O que Ferenczi quer dizer com “*libidinalmente independente*” remete à noção de “*apoio*” em Freud. Isto é, na fase oral, o objeto libidinal, imaginário, acha-se ainda bastante “*aderido*” (ou apoiado) ao objeto da percepção, a mãe que cuida, e é justamente a *perda* do objeto da percepção, com o desmaime, que permite um maior *descolamento* da imaginação com relação ao objeto da percepção. Esta libera-

ção da imaginação dos laços do objeto da percepção é o que permite a sua plena constituição enquanto objeto libidinal propriamente dito, isto é, na dimensão da fantasia.

Quando Ferenczi se refere “à recusa deveras perturbadora da agressão libidinal oral-erótica por parte da mãe”, é da frustração do desmame que está falando. Ora, após o desmame, a libido que era dirigida à mãe sofre um retorno para a criança, que passa então a usar o próprio corpo para dramatizar os dois personagens - mãe e filho - que se encontram envolvidos no desejo de retorno à situação intra-uterina. O enredo do drama permanece o mesmo, mas a utilização das fezes para representar a criança e do resto do corpo para representar o corpo da mãe permite a encenação imaginária, pela criança, da regressão ao corpo da mãe, através da retenção das fezes, bem como a representação do nascimento e desmame, sentidos como rejeições, através da expulsão das fezes. A diferença entre as etapas oral e anal é pois que na primeira há coincidência entre o objeto da percepção e o objeto libidinal, ao passo que na segunda a perda do objeto da percepção torna possível a sua representação simbólica, através do desdobramento corpo/fezes para substituir a dupla mãe/criança. A possibilidade que a criança tem de manipular a expulsão ou retenção das fezes, transposta depois ao nível simbólico, permite um maior grau de elaboração psíquica do acontecimento traumático do desmame.

São pois estas novas possibilidades de representação simbólica que se tornam acessíveis à criança depois do desmame, e que também tornam possível a transformação das relações mãe/criança em *objetos internos*, isto é, representações imaginárias que dão lugar a uma série de mecanismos complexos, como por exemplo o mecanismo de identificação projetiva. No texto de Ferenczi, a possibilidade da criança “ser ao

mesmo tempo a mãe e a criança” indica que ele está considerando plenamente a dimensão imaginária, onde os papéis podem ser acumulados ou trocados. O fenômeno psíquico passa a ser concebido como, por exemplo, “estar envolvido em um drama de expulsão e retenção” (que seria a formulação “anal” da questão edípica “incluído ou excluído?”)

São estas novas possibilidades imaginárias que criam as pré-condições para que se possa pensar em um mecanismo como o de “identificação projetiva”, formulado mais tarde por Melanie Klein. Há na identificação projetiva uma tensão entre tendênci-

A identificação  
projetiva seria uma  
modalidade  
pré-genital de  
tentar o regresso  
talássico, ligado ao  
"apogeu do sadismo".

as opostas, extremamente intensas e violentas. Por um lado, o desejo de regressão talássica implica na tentativa imaginária de penetrar avidamente no corpo da mãe e apoderar-se dele; esta tendência intrusiva, com matizes sádicos, suscita uma reação igual e contrária. Desta última nasce o terror de ser violentamente expulso do corpo da mãe, ou de ter o próprio corpo violentamente invadido pela mãe. Os aspectos expulsivos transformam-se na tendência projetiva do mecanismo, e os aspectos fusionais, de condensação das identificações, são expressos através do termo “identificação” que compõe o seu nome. O

mecanismo de identificação projetiva seria então uma das modalidades pré-genitais de tentar o regresso talássico, ligado às fases oral e anal, ao que Melanie Klein chamou de “o apogeu do sadismo”.

### Autotomia: ancestral biológico da pulsão de morte

Há dois níveis em que Ferenczi analisa o órgão genital como um órgão de excreção: um é o nível de eliminação das substâncias sexuais propriamente ditas, e o outro é o plano que considera a eliminação de excitações traumáticas através da função do orgasmo. Ferenczi propõe que os traços de todas as catástrofes filogenéticas se acumulam no plasma germinal, assim como as experiências traumáticas não-liquidadas que perturbam a vida individual acumulam-se no órgão genital e podem ser descarregadas através do orgasmo. As excitações perturbadoras não-liquidadas, ao se concentrarem nos órgãos genitais, forçam a repetição da situação de desprazer atenuada, e cada repetição proporciona a liquidação de uma pequena tensão penosa, ou seja, usam o mecanismo descrito por Freud nas neuroses traumáticas.

É interessante acompanhar o argumento de Ferenczi a respeito dos motivos que levam a esse tipo de analogia entre os órgãos genitais e os de excreção: segundo ele, é o caráter penoso da tensão que precede o momento do orgasmo que a constitui como algo a ser excretado. Ele vai ainda mais longe, ao afirmar que esta tensão dolorosa é tão insuportável para os psicóticos, que muitos casos de autocastração devem-se ao desejo violento de livrar-se do caráter intolerável desse desprazer. Nos neuróticos, o indivíduo contenta-se com a eliminação das secreções genitais como forma de buscar alívio, mas o psicótico tem a tendência a livrar-se dos genitais. Mesmo nos neuróticos, a tendência à castração estaria pre-

sente, mas atenuada; a ereção seria o vestígio da tendência a eliminar totalmente o órgão genital e a ejaculação seria a realização parcial da tendência à eliminação do desprazer.

Por outro lado, a observação de um comportamento animal, como a tendência de alguns vermes a livrar-se de partes de seu corpo que estejam feridas (fenômeno chamado de *autotomia*) levou Ferenczi a conceber que uma tendência análoga estaria dormente no organismo humano. A pulsão de morte seria para ele esta tendência comparável à autotomia, que nos seres humanos impulsiona a livrar-se da parte do corpo de onde provém a dor. A pulsão de morte seria então essencialmente uma força evacuativa, ou projetiva, que busca eliminar a fonte do desconforto; por isso podemos considerá-la como uma força centrífuga, em relação ao centro físico do organismo, no pensamento de Ferenczi.

Esta interpretação ferencziana da pulsão de morte foi muito significativa na construção do conceito kleiniano de pulsão de morte. A compulsão a aniquilar as necessidades, a percepção destas ou do ego que as percebe, é o que melhor caracteriza a pulsão de morte em termos kleinianos. Se a autotomia consiste em livrar-se da parte do corpo que está incomodando, a tendência da pulsão de morte é de aniquilar as necessidades e as pulsões de vida, na medida em que provocam desconforto.

O aspecto explorado por Melanie Klein em todos os mecanismos "expulsivos" derivados da pulsão de morte (projeção, repressão) é que a tendência a aniquilar qualquer aspecto do psiquismo transforma-se em tendência a aniquilar a *percepção* da necessidade ou do aspecto do ego que percebe, ou seja, não há para ela nenhum fenômeno pulsional que não se encontre devidamente articulado a um aspecto do ego.

Há ainda mais uma analogia entre a interpretação ferencziana e a concepção kleiniana de pulsão de

morte: ao pensar na autotomia como protótipo biológico da pulsão de morte, Ferenczi deu muita ênfase ao aspecto de destrutividade do conceito freudiano - tendência interpretativa que também é dominante na concepção kleiniana. A autotomia é às vezes chamada por ele de tendência à auto-castração; é pois um ato de mutilação que pretende eliminar a porção do corpo que causa desconforto. Esta mesma descrição que enfatiza a destrutividade vai ser transportada ao plano psíquico por Melanie Klein, que concebe os mecanismos defensivos contra a dor como

A autotomia é o modelo dos mecanismos de defesa expulsivos, que ejetam uma parte do self juntamente com a tensão dolorosa.

tentativas simbólicas de arrancar e jogar fora os aspectos do self responsáveis pela sensação dolorosa. Se a pulsão de morte for predominante, pode haver um mecanismo de negação maciça de todo o funcionamento psíquico, que corresponderia ao desejo mais radical de "castrar" toda a vida emocional.

Na verdade, Ferenczi achava que os fenômenos psíquicos permaneciam incompreensíveis se não fossem consideradas a sua função e sua dimensão teleológica, as analogias e identidades simbólicas, as condensações e os deslocamentos de senti-

do, as sobredeterminações e as significações *a posteriori*. A contribuição dessa forma de pensar à obra de Melanie Klein é a concessão de uma considerável margem de liberdade ao interpretar os fenômenos e representa um estímulo ao uso de todas essas "manobras simbólicas" acima descritas.

Ferenczi parece ter deixado claro neste ensaio algo que pode hoje parecer mais que óbvio, mas que com certeza não o era nos anos vinte: o fato de que, para o intérprete psicanalista, não se trata de lidar com fatos biológicos, mas com discursos. Apesar de muitas vezes invocar fatos biológicos ao construir suas teorias, Ferenczi pareceu guiar-se muito mais pela lógica que rege a produção de discursos do que por uma preocupação de descobrir como as coisas se deram, de fato, nos primórdios. Penso que foi esta a direção fecunda a libertadora que ele ensinou a Melanie Klein.

## NOTAS

- (1) Klein, M. (1930) "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego", in *The Complete Writings of Melanie Klein - I*. New York, The Free Press, 1975, p.219.
- (2) Ferenczi, S. *Ensaio sobre a teoria da Genitalidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p.16.
- (3) Klein, M. (1928) "Early Stages of the Oedipus Complex", in *The Complete Writings of Melanie Klein - I*. p.186.
- (4) Ferenczi, S. *Thalassa* p.17.
- (5) Ferenczi, S. *Thalassa* p.52.
- (6) Ferenczi, S. *Thalassa* p.29.
- (7) Ferenczi, S. *Thalassa* p.29.